

NAS DESACONSELHA A DOSAGEM DE ANTICORPOS NEUTRALIZANTES COM INTUITO DE AVALIAR CORRELATO DE PROTEÇÃO CLÍNICA PARA COVID-19

A campanha de vacinação contra a COVID-19 começou no Brasil em 18 de janeiro de 2021. Até 06/04/21, pouco mais de 20 milhões de brasileiros receberam ao menos uma dose da vacina e apenas 5.881.392 receberam o esquema completo (2 doses), o que representa menos de 3% da população do país. Esse número é muito aquém do necessário para reduzir efetivamente a circulação do Sars-CoV-2 e controlar a pandemia. Além disso, o surgimento de variantes mais transmissíveis, para algumas das quais ainda não se comprovou a eficácia das diversas vacinas disponíveis, e a incerteza sobre o potencial das vacinas em reduzir a transmissibilidade do vírus não permitem aos vacinados voltar à vida normal ou renunciar a todas as diretrizes preventivas. O benefício mais consistente das vacinas atualmente disponíveis se refere à redução drástica no agravamento da doença, prevenindo hospitalização e morte pela COVID-19.

Na busca de comprovar o desenvolvimento da tão esperada imunidade contra a doença, muitos vacinados buscam realizar a sorologia para identificar os anticorpos contra o Sars-COV-2. Entretanto, os estudos de avaliação de eficácia vacinal baseados em testes sorológicos têm demonstrado grandes variações em diferentes cenários epidemiológicos frente às diferentes vacinas, não corroborando a utilização dos testes atualmente disponíveis para esse fim, pois os resultados não traduzem a situação individual de proteção. Isso também vale para os que já tiveram a doença.

Suscitou-se a preocupação quanto à eficácia das vacinas contra estas variantes que estão se tornando predominantes na pandemia. De fato, diversos estudos demonstraram redução do potencial neutralizante dos anticorpos para as variantes, mais acentuada para a cepa identificada na África do Sul (B.1.351). Estudos da capacidade de neutralização dos anticorpos para a variante P.1, detectada no Brasil, estão em andamento. Os resultados permitirão estimar melhor a capacidade protetora das vacinas em uso no país.

A resposta imune desenvolvida pela vacinação não depende apenas de anticorpos neutralizantes. Tanto a infecção natural quanto a vacinação estimulam o sistema imunológico de forma mais ampla, tanto pela ação destes anticorpos neutralizantes, como dos não neutralizantes e da imunidade celular. Um estudo que avaliou a resposta imune para as variantes de preocupação mostrou que a imunidade celular, diferentemente da resposta humoral, é pouco afetada. Os resultados de curto prazo que estão sendo divulgados por diversos países têm sido muito animadores quanto à proteção vacinal contra formas graves e óbitos pela COVID-19, independente da circulação das novas variantes.

Portanto, a complexidade que envolve a proteção contra a doença torna **desaconselhável a dosagem de anticorpos neutralizantes com o intuito de se estabelecer um correlato de proteção clínica**, pois certamente não se avalia a proteção desenvolvida após vacinação apenas por testes laboratoriais “in vitro” através da dosagem de anticorpos neutralizantes.

Alternativas vacinais para um melhor enfrentamento da pandemia estão sendo avaliadas: mudanças na sua composição para uma melhor proteção contra novas variantes que possam surgir, utilização de dose(s) de reforço(s) ou ainda vacinas multivalentes podem ser incorporadas. Acreditamos que o sucesso da vacinação seja dependente, fundamentalmente, das coberturas vacinais, da eficácia das vacinas utilizadas e das medidas não farmacológicas sendo adotadas e respeitadas até que o cenário mude e se possa gradativamente vislumbrar um retorno progressivo a uma vida normal.